

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANAIBARA

DATA: 24/9 1963 AUTOR: VEIGA JARDIM

TÍTULO: CRIANÇAS DESVENDAM O MISTÉRIO DO MUNDO FANTÁSTICO DE IVÃ SERPA

ASSUNTO: GONTRAN DA VEIGA JARDIM ENTREVISTA IVAN (CRIANÇAS) FOTOGRAFIA IVAN

Crianças desvendam o mistério do mundo fantástico de Ivã Serpa

Esta reportagem nasceu de uma conversa com Ivã Serpa, iniciada no Museu de Arte Moderna — onde ele ensina crianças há 11 anos — e continuada em sua casa, em Todos os Santos. O depoimento de um homem como Serpa — um artista que dá testemunho do seu tempo — está nos seus quadros. Ao repórter cabe apenas ver, ouvir e anotar. Apresentamos-lhe um pequeno questionário, como roteiro de trabalho, e ele respondeu. Depois, falou do Curso de Arte Infantil do MAM e da sua própria arte.

O ensino da arte não visa, exclusivamente, à formação de artistas. O professor faz o máximo para que isso aconteça, mas sua função principal é libertar a criança, para que ela se realize em toda a plenitude. Vejamos o que diz a respeito Mário Pedrosa: "É um problema difícil o do destino desses meninos como artistas. A educação moderna não pretende fazer deles futuros artistas profissionais, nem lhes assegurará tal destino. Mas a experiência de agora servirá onde quer que estejam amanhã, como artistas, artesãos, industriais, técnicos, doutores, não importa." (*Crescimento e Criação*, livro publicado em 1954, com reproduções de trabalhos dos alunos do MAM, selecionados por Ivã Serpa).

Serpa nasceu na Tijuca em 1923. Estudou durante um ano com o gravador austríaco Axel Leskochek, que hoje vive na Europa. Convidado certa vez pela Diretora-Presidente do Museu de Arte Moderna, Sr.^a Niomar Moniz Sodré, para fazer uma conferência no MAM, respondeu que não era conferencista e sugeriu a idéia de um Curso de Arte Infantil, que começou em 1952. Seus trabalhos atuais — um mundo

Gontran da Veiga Jardim
Fotos de Paulo Néri

povoado de seres fantásticos — foram expostos na Galeria Tenreiro e causaram espanto a muita gente. Um deles (verde-espesso com tonalidades escuras, tendo ao centro um animal indefinível) nasceu de um sonho, segundo nos contou: sonhara que estava nas selvas da Amazônia e transportou para a tela tudo o que viu. A força mítica da Amazônia, com suas lendas fabulosas, criou a obra.

VAL E O SENTIMENTO DA MORTE

Em 1947, Serpa tinha uma Escolinha de Arte em casa e dava também aulas de Francês ao menino Carlos Val, então com nove anos. Certo dia, Val mostrou ao professor seus trabalhos de colégio: pinturas a óleo e guache. Foi a maior revelação descoberta por Serpa, que trocou, imediatamente, as aulas de Francês por lições de pintura. Durante oito anos, Val estudou com Serpa, que o levou, em 1952, para o Curso de Arte Infantil do Museu de Arte Moderna.

Certa vez, Serpa perguntou ao menino, já com 11 anos, por que fazia sempre suas figuras sem olhos, nariz e boca. A resposta desconcertou o professor: — Tenho medo de que quando as pessoas (retratadas) morrerem, morram também os meus quadros. Figuras sem rosto me dão a sensação de que os meus quadros viverão, mesmo que elas morram.

Nessa época, o MAM realizou, em Paris, uma exposição de trabalhos dos alunos de Serpa. Resultado: a

Escolinha de Arte Infantil do Louvre se interessou pelos quadros de Val. Oito trabalhos seus — pinturas a óleo — estão lá, a pedido da Diretoria da Escola. Aos 17 anos, Carlos Val sentiu que os seus quadros não mais lhe agradavam e abandonou a arte, declarando a Serpa que preferia parar "para não ser um pintor medíocre".

Hoje, com 25 anos, depois de oito anos de abandono completo dos pincéis, Val voltou a pintar e é assistente de Serpa no Curso do MAM.

— Ao reiniciar — conta Ivã Serpa — seus trabalhos eram débeis, medrosos, mas os mais recentes trazem a força revelada na infância.

Seus temas preferidos: figuras e animais. Um dos seus últimos quadros (*Cavalos*) é de grande beleza plástica, mas os animais contêm sem olhos, nariz e boca. Sua pintura tem despojado a atenção nos meios artísticos do Rio e a Galeria Relêvo já o convidou para expor em novembro.

PINTURA VIOLENTA

Pedimos a Serpa que falasse um pouco de sua arte, principalmente da sua última exposição, realizada na Galeria Tenreiro e que tanta polémica vem causando. Sua fase atual, que ele chama de violenta (figuras e bichos fantásticos), retrata a angústia do homem de hoje: pássaros enormes cruzam os bicos denteados (ternura ou luta?) e tudo se difunde em cores fortes. O crítico Roberto Teixeira Leite nos fala dessa pintura: "A reação do espectador ante o novo Ivã Serpa será de

revolta, indignação, admiração, o que for: nunca de indiferença."

— A arte para agradar — explica Serpa — não corresponde mais à realidade atual do Brasil. O homem brasileiro — urbano ou rural — se sente esmagado. O artista tem que refletir a realidade social, doar a quem doer, e mostrar o que a sociedade decadente não gosta de ver. Não gosta porque é a responsável por essa decadência e sua reação tem o sentido da autodefesa. Quer conservar as coisas como estão, ao sabor de seus mesquinhos interesses.

CONQUISTA DO ESPAÇO

— É preciso que se diga que não se trata de ismos, a arte ideológica, como tal, foge à finalidade de sua existência mesma que está no plano vivencial. Vivendo e sentindo a realidade, o artista tem que refleti-la, sob pena de cometer o grave crime de auto traição. Não fazer concessões, os pastiches à européia não têm mais lugar no Brasil de hoje. Reconheço que na sociedade brasileira atual existem forças positivas, mas estão em minoria. Esta minoria não nega esse tipo de arte. Depois de olhar os meus quadros na Tenreiro, uma moça disse que teve a sensação de que "a juventude dava uma bofetada na falsa sociedade".

— Não têm sentido o desampontamento e a indiferença de muitos diante da arte. Com a conquista do espaço pelo homem, não se sabe mais em que posição nos encontramos. Poderemos estar na mais grotesca das posições em relação ao Universo. Por que então negar o grotesco que aparece na arte moderna?



A educação pela arte, tendo-se em vista que seu objetivo é formar homens e não apenas artistas, em que tempo deve ser iniciada e até que idade deve ser ministrada?

O ideal seria começar aos três anos, deixando a criança buscar à vontade, tomar contato com as tintas e o borrão. Quanto ao tempo, depende da própria criança. O nosso curso dá aulas até aos 14 anos, quando o menino, se persistir, passa para o curso de adultos.

As atividades propriamente lógicas desenvolvidas pela criança, quando começa a estudar Matemática, Física, Química e outras matérias dessa natureza, prejudicam a formação artística?

— Não. Ao contrário, auxiliam a desenvolver outras faculdades interiores, como, por exemplo, o caso da Matemática, que ajuda ao menino a perceber melhor as proporções espaciais e as relações entre os objetos.

Accepta a teoria defendida por Herbert Read, de que a arte é a base de toda técnica educativa eficaz?

— Sim, também defendo essa tese. Como professor, tenho observado que as crianças que se dedicam às atividades artísticas são mais permeáveis à aprendizagem, de maneira geral.

Como deve proceder o professor de arte para colaborar no processo de integração da criança no meio social?

— Não se restringir apenas à arte, mas orientar o ensino visando ao desenvolvimento total da criança, descobrir a atividade que lhe desperta maior interesse e encaminhar o pensamento infantil de acordo com essa motivação.

É válido falar-se em mistério da criação artística ou se pode explicar, racionalmente, o mecanismo da atividade criadora?

O mistério existe. Até hoje, ninguém explicou como se deve fazer uma obra de arte. É imprevisível.

Como agir para libertar a criança da tendência imitativa, com o objetivo de evitar que ela siga sempre copiando os adultos?

— Dialogar. O diálogo com cada criança — não esquecer que cada uma é um mundo à parte — é que deve proporcionar ao professor os elementos necessários à orientação do aluno, ajudando-o a encontrar-se a si mesmo.

Sente-se compensado como professor de crianças?

— O prazer que a criança me dá vale por todas as decepções que eu possa ter ao longo da vida. Ela é autêntica em tudo o que faz, despida de quaisquer preconceitos.